Doente e pecador

ecos do século XIX sobre a homossexualidade na imprensa oficial (1985-2010)

Alexandre Sebastião Ferrari Soares

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOARES, ASF. Doente e pecador: ecos do século XIX sobre a homossexualidade na imprensa oficial (1985-2010). In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 111-131. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

DOENTE E PECADOR:
ECOS DO SÉCULO XIX SOBRE A
HOMOSSEXUALIDADE NA IMPRENSA OFICIAL
(1985-2010)
Alexandre Sebastião Ferrari Soares¹⁴

O propósito deste artigo é analisar, segundo as concepções da escola francesa de análise do discurso, os sítios de significância (ORLANDI, 1996, p. 15) que foram se estabelecendo na imprensa oficial sobre o homossexual e seu estilo de vida entre a segunda metade da década de 1980, mais especificamente entre os anos de 1985 e 1990 e 20 anos depois, entre os anos de 2005 e 2010.

A proposta, aqui, não é analisar a resistência ao discurso hegemônico sobre os homossexuais na imprensa oficial. Se quisesse, eu o faria, porque outros sentidos estão se estabelecendo sobre e para os homossexuais e seu estilo de vida. O que de fato pretendo é compreender quais sentidos continuam a ecoar na imprensa brasileira de circulação nacional colocando o homossexual na ordem do dia.

Para analisar os primeiros anos do período eleito uso as revistas semanais *Veja* e *IstoÉ* e a mensal *Superinteressante*, e na análise da segunda metade dos anos 10 do século XXI, os jornais

14 Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste/Cascavel.

Folha de São Paulo, *O Globo*, as revistas *Veja*, *IstoÉ*, *Época*, *A Revista* (encarte de *O Globo*), *Caros Amigos* e *Piauí*.¹⁵

Destaco os seguintes autores, usados para a fundamentação teórica dessa pesquisa: **PÊCHEUX** (1969, 1995, 2002); **ORLANDI** (1983, 1984, 1988, 1996, 1997, 2001 e 2002); **MARIANI** (1998, 1999, 2001 e 2005); **SOUZA** (1997); **FOUCAULT** (1979, 1987, 1988, 1996, 1999, 2004 e 2005); **TREVISAN** (2000), dentre outras obras.

A história da homossexualidade se confunde com a história da própria humanidade, e tão natural quanto essa questão é o que se diz (a partir do século XIX, segundo Foucault (1988)) cotidianamente a respeito dos homossexuais: ‘doentes’, ‘anormais’, ‘pervertidos’, ‘criminosos’, etc. Esses dizeres tornaram-se de tal forma familiares que nada havia a pensar a não ser os sentidos cristalizados a partir deles.

Os homossexuais¹⁶ apenas ocupavam o espaço da terceira pessoa: falava-se deles: quem eram, como eram, o que faziam e por que o faziam. Falava-se com tanta veemência, que os sentidos se apresentavam fixos, como se colados nas palavras. Talvez esse modo de pensar esteja ligado ao fato de os homossexuais não ocuparem, então, uma posição-sujeito para que pudessem falar e assim fazer outros sentidos.

15 Fiz aqui uma escolha: não estou apresentando neste artigo o que se mostra como resistência a esse/nesse discurso oficial sobre a homossexualidade, mas apenas o que reforça a ideia de que os homossexuais e seu estilo de vida ainda são vistos como anormalidade.

16 Estou especificamente falando da questão da homossexualidade no Brasil (sobretudo da homossexualidade masculina). Nos Estados Unidos, por exemplo, no início dos anos 1970, a história é bastante diferente. Muitos homossexuais começaram a tornar pública a sua vida secreta, passando de uma norma histórica de homossexualidade para outra: “Muitos de nós passamos do vergonhoso homossexual para o assertivo *gay* e *lésbica*, tornando o poder dessas palavras o centro de nosso movimento político” (KATZ: 1996, 13)

As vozes que ocupavam lugares foram se sobrepondo em uma mesma direção a tal ponto que, mesmo para os sujeitos homossexuais, essa memória do dizer ecoava no mesmo sentido. Era discursivamente impossível falar da homossexualidade do homem brasileiro, trabalhador, pai de família, porque faltava lugar para esse discurso. O sujeito homossexual se dizia a partir do que era dito sobre ele: Elvira observou que várias vítimas associam a doença a um “castigo divino” e dizem que, **se ficarem boas, deixarão de ser homossexuais.**” (Revista *Veja* nº 884, de 14 de agosto de 1985, grifos nossos).

As “vítimas” da observação de “Elvira” no fragmento destacado são homossexuais. Até então (década de 1980), os homossexuais constituíam o grupo potencialmente portador do *Human Immunodeficiency Virus* (HIV), e a relação entre estar contaminado e ser homossexual (ou promíscuo, pervertido, *etc.*) era o discurso religioso/cristão por excelência em relação ao contágio do vírus.

O discurso religioso proclama que, ao redimir-se da condição de ser homossexual, o indivíduo se cura da doença própria desse estilo de vida e se torna heterossexual: normal, saudável, sem pecados e, por deslizamento, livre da doença relacionada ao ‘pecado’ da homossexualidade: “se ficarem boas, deixarão de ser homossexuais”.

A atribuição ao divino (que nega a homossexualidade por ser pecado, doença, *etc.*) de um poder de transformação é recorrente no discurso religioso cristão. Barganha da fé: promessa que se faz em troca de saúde e/ou de um lugar social. Tal como ocorreu com um projeto da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (rejeitado em 9/12/2004 por 30 votos a 6) que pretendia, com uma ajuda de custo e muita fé, transformar (os doentes)

homossexuais em heterossexuais¹⁷. Esse projeto era do deputado Edino Fonseca (PSC/RJ), pastor da Igreja Pentecostal *Assembleia de Deus*, que, em entrevista à revista *Época* em 15 de novembro de 2004, ao responder à pergunta sobre como seria feito o tal tratamento, assim se expressou:

Sou pastor evangélico da Assembleia de Deus e como frequentador de templos religiosos observei muitos homossexuais procurando ajuda. Não só devido ao peso de consciência pelos pecados praticados, mas querendo deixar a homossexualidade. Na Igreja, a alma dessas pessoas é tratada, mas o problema delas está no psiquê (sic). Elas precisam de tratamento psicológico. Nesse caso, para quem tem dinheiro, é só pagar, mas o pobre não tem como resolver o problema e é dever do Estado ajudar a todas as pessoas. (Revista *Época*, n°. 339, de 15 de novembro de 2004, grifos nossos).

Segundo o pastor, são muitos os homossexuais que procuram ajuda nas igrejas, ‘não só por conta do peso que carregam em suas consciências’ pelos pecados praticados, mas também por quererem deixar de ser homossexuais. A homossexualidade, conforme o religioso (*representante de Deus* e de uma visão cristã a respeito da homossexualidade), é um peso que se carrega na consciência (e também no imaginário sobre ele) pelo *pecado* de suas práticas.

‘A consciência é o reconhecimento do erro e do mal incorporados e, em vista disso, o tratamento psicológico é fundamental para que se consiga a cura do mal e uma vida de acertos’. O psicológico é o responsável pela doença e, ao mesmo tempo, uma forma de isentar o “doente”, já que a vontade está além de suas forças e seu desejo.

17 Nessas condições não é preciso adjetivar os heterossexuais de normais/saudáveis (e talvez não fosse preciso acrescentar os adjetivos *anormais/doentes* aos homossexuais), porque estava (está) subentendido que eles o são.

As igrejas evangélicas não aceitam o homossexual; a Católica reconhece o homossexual, mas imputa-lhe a obrigação de não praticar sua sexualidade. A prática é o pecado. Deve-se resistir ao desejo.

A outra pergunta sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo, o deputado responde:

ÉPOCA -Dentro da Igreja Evangélica, *gays* e lésbicas **são vistos como pessoas que não estão seguindo a orientação que deveriam**, não é verdade?

Fonseca - Sim, claro. Dentro da Igreja Evangélica existe a crença de que **todo tipo de amor que não seja entre homem e mulher está fora da normalidade** (grifos nossos).

O pastor então ‘comenta’¹⁸ a afirmação feita pela revista: “SIM, CLARO! É exatamente isso que eles fazem, não seguem a orientação como deveriam e por isso estão em desacordo com o que Jesus ensinou. Normal é o amor entre o homem e a mulher, apenas entre esses”.

De acordo com o pastor, dentro das igrejas evangélicas existe a crença de que é natural pensar dessa forma. Anormal seria acreditar que o amor poderia se manifestar de outra maneira.

Num fragmento da revista *IstoÉ* de 1985, em reportagem que tematiza o mesmo assunto a questão é assim apresentada:

Em alguns pontos do centro da cidade há prostitutos e travestis que, até agora, **aparentemente** não estão muito preocupados com a doença. “**AIDS é coisa de gay**”, afirma **Marcos Antônio Abrão, 25 anos, que se rebatizou “Cláudia Wonder”**. (Revista *IstoÉ*, nº 429, de 13 de março de 1985, grifos nossos).

18 Sobre *comentário* ver FOUCAULT (1996).

Primeiro cumpre destacar um sentido possível para o ‘aparentemente’ empregado na sequência reproduzida acima: a manifestação da AIDS não se dá imediatamente ao contato com o vírus. Esse vírus pode alojar-se no corpo durante alguns meses ou anos sem se manifestar. ‘Aparentemente’, o portador do vírus não apresenta qualquer sintoma da doença. Não estar preocupado “até agora, aparentemente” com a doença pode significar também que as aparências enganam e que mais tarde essa preocupação, assim como a doença, pode vir a manifestar-se.

Depois, segundo a própria matéria, *gay* seria o *cliente*, em geral, “passivo” nas relações sexuais com os prostitutas ou os travestis; e, ainda de acordo com o artigo, essa tese, a do risco de contaminação apenas em relação aos ‘passivos’, justifica-se e se sustenta em virtude de que, segundo a reportagem, “os travestis seriam requisitados mais como ativos do que passivos (assim como os prostitutas), portanto estariam menos expostos ao contágio, por esse se dar através do esperma” que se aloja no corpo do cliente, em geral passivo.

Acreditava-se, até então, que quem desempenhava o papel de ‘ativo’ numa relação estava menos exposto ao vírus porque não tinha contato com o esperma do parceiro (nas relações homossexuais). Descartava-se (ou não se dava tanta importância), na matéria, a contaminação através do sangue ou através do contato da mucosa do pênis (em se tratando dos *ativos*) com as paredes do ânus. Ser ‘passivo’ ou ‘ativo’, na matéria, tem relação direta com a possível contaminação pelo HIV. A questão da virilidade masculina também tem forte apelo na matéria quando esta tenta demonstrar que o heterossexual (no caso, o não homossexual) não corria nenhum risco de contrair a doença.

É a partir desse novo acontecimento, a epidemia da AIDS (sigla em inglês para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), que ao homossexual “é permitido um espaço” para dizer, mas esse espaço é restrito às regiões discursivas oficiais sobre AIDS: sexualidade, contaminação, promiscuidade, estilo de vida. Já o discurso médico, ao negar essas outras possibilidades de dizer sobre a homossexualidade, ressalta e evidencia aqueles outros aspectos.

Por que não havia espaço para que outras vozes pudessem dizer? Não havia possibilidade de o homossexual fazer sentido de outra forma que não os já ditos sobre ele? Era como se a sintaxe não fosse capaz de materializar outras construções a respeito da vida fora da heterossexualidade - amor entre homens, por exemplo, ou entre mulheres -, mas apenas o que de alguma forma contribuísse para que a ‘verdade’ do já construído se sustentasse. Por que não havia espaço na imprensa para outro sentido que não o exótico da doença, o estereótipo da homossexualidade?

Com o advento da AIDS, o panorama mundial em relação à sexualidade, de forma geral, foi bastante alterado, e essa alteração afetou essencialmente a homossexualidade em virtude da relação que se estabeleceu entre a epidemia e os chamados “grupos de risco” (nos quais o homossexual era personagem central).

Desse momento em diante o homossexual passa, de alguma forma, a ocupar um lugar na ordem do dia, não uma posição-sujeito que tivesse direito de fazer outro sentido diante desses acontecimentos, mas um lugar que até o momento não era ocupado. Dá-se então um novo sentido para as questões homoeróticas. Sobre isso, sobre sair do silêncio, Orlandi declara:

Para nosso contexto histórico-social, **um homem em silêncio é um homem sem sentido**. Então, o homem abre mão do risco da

significação, da sua ameaça e se preenche: fala. **Atulha o espaço de sons e cria a ideia de silêncio como vazio, como falta.** Ao negar sua relação fundamental com o silêncio, ele apaga uma das mediações que lhe são básicas. (ORLANDI, 2002a, 37, grifos nossos).

Durante muitos anos, ao homossexual foi imposto o silêncio, um silêncio que não o colocava apenas à margem da sociedade heterossexual, mas o constituía como criminoso/pecador/doente, a partir dos discursos que podiam lhe dar sentido: os jurídicos, religiosos e médicos; e ele não fazia sentido se não fosse desse lugar já estabelecido.

Paralidar com a análise do *corpus*, estabeleci, paralelamente, *corpora* de textos religiosos cristãos (publicados em livros de história, jornais, folhetos de divulgação, etc.), textos médicos (publicados em revistas especializadas sobre AIDS e em livros que abordam o tema e o discurso direto/indireto de profissionais da saúde) que tratam de questões relacionadas à homossexualidade ou sobre a homossexualidade e sua relação com a AIDS, e ainda textos jurídicos (Código Penal e Código Militar). Esses *corpora*, no entanto, não são objetos específicos de análise, mas sim, referências para a leitura do *corpus* desse trabalho.

Segundo Serrani (1988, p. 60 – grifos nossos),

A Análise do Discurso não visa a exaustividade “horizontal”, em extensão, mas sim uma exaustividade “vertical”, em profundidade, considerada em relação aos objetivos do analista. De maneira oposta a outras áreas de pesquisa, que têm a extensão dos dados como fator constitutivo de seus objetivos, **para a Análise do Discurso, a exaustividade extensional torna-se incoerente, na medida em que “todo discurso se estabelece sobre um discurso anterior, apontando para outro. O que existe não é um discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo, do qual se podem recortar e analisar estados diferentes.**

Em virtude disso, o recorte temporal que estabeleço para a organização do *corpus* é suficientemente coerente com a proposta teórica que me auxilia na análise desses dados. Busco as regularidades enunciativas e, para isso, não se faz necessária a quantidade de dados, mas a profundidade deles. Assim as sequências discursivas selecionadas para a análise neste artigo representam as que não foram selecionadas, porque estas são estabelecidas sobre um discurso anterior, em que aquelas também o são. Tinha-se inicialmente a intenção de empregar neste trabalho a palavra “homoerotismo” na mesma acepção de Costa (1992, 21-29), para fazer referência ao que chamamos de ‘homossexualismo’ na língua coloquial. As razões para isso eram, em primeiro lugar, que ‘homossexualismo’ remete quem a emprega ao vocabulário do século XIX que deu origem à certa ideia de “homossexual”. Outra razão era o fato de que na persistência de tais noções se percebe a manutenção de costumes morais prisioneiros do sistema de denominação preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores apenas pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. A terceira razão é a necessidade de, ao atribuir outro nome para escapar das significações cristalizadas, poder desconstruir conceitos dicionarizados e apontar para a possibilidade de outros sentidos na língua: paráfrase e polissemia, que não tenham o ranço moralista que perfazem esses nomes.

Quando emprego a palavra homoerotismo refiro-me meramente à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico. Em outras palavras, o homem homoeroticamente inclinado não é, como facilmente acreditamos, alguém que possui um traço ou conjunto de traços psíquicos que determinariam a inevitável e necessária expressão da sexualidade homoerótica em quem quer que os possuísse.
[...]

Melhor seria dizer, então, que **o emprego do termo visa sobretudo distanciar o interlocutor de sua familiaridade com a noção de “homossexualidade”**. Tal familiaridade pode fazê-lo traduzir o que pretendo dizer com uma nova reavaliação moral do “homossexualismo”. Não é esse meu intento. **Tenho a intenção de mostrar que o “homem homossexual” nada mais é que uma realidade linguística, e não uma realidade natural**. É uma forma de subjetividade que como qualquer subjetividade pode ser historicamente circunscrita em seu modo de expressão e reconhecimento. E, **assim como em épocas precedentes outras crenças linguísticas conferiram foros de realidade natural ou universal a certas formas de subjetivação, em nossa época fizemos da “homossexualidade” uma “realidade psíquica e sexual”** que nos aparece como um modo de ser do sujeito, **natural e universalmente necessário, e não culturalmente arbitrário**. (COSTA, 1992, p. 22-23, grifos nossos).

No entanto, tal opção não foi mantida neste trabalho por se considerar que, apesar da larga vantagem do significado do termo ‘homoerotismo’ (citado acima), o emprego de uma palavra por outra seria mais improdutivo que vantajoso, em virtude de ‘homoerotismo’ não ser tão impactante quanto ‘homossexualidade’, termo carregado de significações.

‘Homossexualidade’ tem história, posição política, e dessa forma seu sentido não apenas marca outras formas de significar o homossexual, mas aponta para outros sentidos possíveis nesse embate de forças entre dizeres e a cristalização de conceitos. O que falta ao termo ‘homoerotismo’ proposto por Costa (1992)? Estaria ainda vazio de significados, não dá sentido, não conta nenhuma história, porque “para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido” (ORLANDI, 1996, p. 71). Em síntese, qualquer substituição pode parecer frágil se for meramente linguística, pois cada tempo tem a sua maneira de nomear e interpretar o mundo.

Todas as acepções para definir as relações entre dois homens ou duas mulheres continuarão carregadas de elementos

pejorativos enquanto a sociedade mantiver a tendência de estigmatizar esse tipo de inclinação (TREVISAN, 2000).

Dessa forma, os termos ‘homossexualidade’ e ‘homossexual’ serão empregados neste trabalho para definir homens (mulheres) que desejam outro(a)s homens (mulheres) porque por enquanto a língua nos permite apenas isto, e diante da necessidade de dar nomes, como não se pode dizer tudo, estas são as nossas possibilidades.

A primeira matéria¹⁹ dos anos 10 deste século foi veiculada no dia 12 de julho de 2009, no jornal *O Globo*, no caderno *O Mundo*, página 34, sob o título “Índia: reação contra descriminalização de gays – astrólogo revoltado com decisão histórica aciona a Suprema Corte, que colhe o pedido”:

RIO - O **homossexualismo** está no centro de uma batalha verbal e judicial na Índia, conforme reportagem da correspondente Florência Costa, na edição de domingo do GLOBO. No início do mês, o Tribunal de Justiça de Délhi descriminalizou o sexo entre gays - uma decisão histórica no país conservador, em que o tema é um grande tabu. (grifo nosso).

Primeiramente, o que se percebe é que ‘homossexualismo’ continua sendo reproduzido, mesmo depois da resistência ao termo. Ele retoma um discurso do século XIX (médicos higienistas) cujo cerne seria, tal como ‘alcoolismo’, ‘reumatismo’ e ‘nanismo’ (entre tantos outros), aproximar o homossexual de uma condição patológica. O sintagma é naturalizado na matéria de forma a não emergir outro sentido para o homossexual além dos cristalizados.

19 Para este artigo selecionei apenas duas matérias referentes ao período de 2005-2010, uma publicada pelo o jornal *O Globo* e a segunda pela *Folha de São Paulo* em 2009.

Nos EUA, em 1980, a Associação Psiquiátrica Americana deixou de considerar a homossexualidade como uma doença, e aqui no Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina adotou o mesmo procedimento. Apesar disso, a voz dos grupos em defesa dos direitos dos homossexuais é silenciada e o embate entre formações discursivas é ignorado.

Um dos mais famosos astrólogos hindus do país, Sushil Kaushal, acionou a Suprema Corte - a instância máxima do Judiciário indiano - contra a decisão, alegando que “o **sexo gay não é natural**”. O astrólogo afirma que **a legalização do homossexualismo é uma agressão aos valores e à cultura da sociedade indiana**. Ele argumenta que 80% dos indianos permaneceram no início do século XX do ponto de vista social e cultural. O astrólogo lembra que, desde a descriminalização do homossexualismo, já houve sete casamentos gays em vários pontos do país. **Isso - segundo ele - coloca em risco a instituição do casamento - uma das mais sólidas e tradicionais na Índia.** (grifos nossos).

Os mesmos sentidos da década de 80 do século passado sobre ‘agressão aos valores e à cultura’ ou o ‘risco que se coloca ao casamento’ como uma instituição sólida e tradicional, seja na Índia seja em outras partes do mundo, continuam reverberando na imprensa.

Embora na sequência discursiva (doravante SD) se fale sobre ‘casamentos gays’ e dessa forma venha à tona outro sentido sobre as relações homoafetivas, parece-me que ‘casamento gay’ e ‘casamento como instituição sólida e tradicional’ têm valores distintos.

Tabu, repressão, antinatural, agressão aos valores e à cultura, pôr em risco a instituição do casamento, anormalidade, sexo com animais, contra a tradição do casamento, doença que pode ser curada com meditação e ioga, desequilíbrio hormonal, sentimento do amor focado na direção errada, queda no

crescimento da população, privação do seu potencial de recursos humanos, campanha contra a legalização do homossexualismo, líderes de várias religiões, código penal que pune a prática sexo sexo entre pessoas do mesmo gênero, dez anos de prisão, mesmo patamar da pedofilia e o sexo com animais são algumas das expressões²⁰ que surgem nessa matéria. Todas trazem os sentidos de que a homossexualidade carrega consigo o estigma do pecado, da doença e do crime, pois colocar-se favorável ao homossexual põe à prova certos valores morais, religiosos e jurídicos. A homossexualidade é uma doença que se deve ‘curar’, porque, como a pedofilia e a zoofilia, é uma aberração.

Esses sentidos eram recorrentes naquele *corpus* da década de 1980: o homossexual não tinha voz, ele era apenas falado, e quando falava, fazia-o para reproduzir os mesmos sentidos veiculados naqueles meios de comunicação. Um forte argumento dos líderes religiosos judaico-cristãos era que a instituição casamento corria risco com o fato de serem aceitas as relações homoafetivas. Além disso, ser contra as relações homossexuais era justificado pelo fato de que tais relações não podiam, por questões biológicas, gerar procriação. Nesse modo de pensar, o sexo é tido quase sempre como forma de perpetuar a família, e nunca como fonte de prazer.

A segunda matéria foi publicada no dia 14 de julho na *Folha de São Paulo*, em uma entrevista com uma psicóloga que ‘promete’, por meio de *‘seus recursos terapêuticos, curar os homossexuais’*. Nela se observa o mesmo discurso do pastor veiculado pela revista *Época* em 2004:

20 Palavras ou expressões que são usadas para significar, neste caso, os homossexuais, criam regiões discursivas em torno dessas relações.

‘Psicóloga’ e ‘evangélica’ afirma que a ‘homossexualidade é uma doença’ e, portanto, ‘passível de cura’. Além disso, na entrevista concedida pela profissional, ‘ela faz uma relação direta entre pedofilia e homossexualidade’, de forma que a sociedade se ponha em alerta em relação aos homossexuais e seu estilo de vida.

De conformidade com a psicóloga, existe ‘uma espécie de acordo social’ para que a homossexualidade se estabeleça impositivamente em nosso meio. Ela afirma ter ‘curado’ por volta de 200 homossexuais através de sua terapia. Além disso, afirma que ‘a maioria dos homossexuais foi abusado sexualmente na infância’ e que isso os teria levado à prática homossexual.

Assim, as denominações produzidas nessa entrevista saem do lugar-sujeito ocupado pela psicóloga neopentecostal. Ela se diz religiosa e também afirma que suas práticas são mediadas por sua religião.

São as seguintes as denominações produzidas pela psicóloga na matéria da *Folha*:

teria atendido e curado centenas de pacientes gays em 21 anos; a homossexualidade é uma doença; pessoas abusadas na infância e na adolescência; tenho minha experiência religiosa; tudo que faço fora do consultório é permeado pelo religioso; sinto-me direcionada por Deus; Movimento Pela Sexualidade Sadia; meios para a mudança de orientação sexual; reunir alguns ex-gays e psicólogos amordaçados para protestar contra a censura; é a Inquisição para hêteros; doença que estão querendo implantar em toda a sociedade; há um grupo com finalidades políticas e econômicas que quer estabelecer a liberação sexual; inclusive o abuso sexual contra criança; implantar a ditadura gay; projetos no Congresso para cercear o direito de expressão; eles foram queimados na Santa Inquisição; querem criar a Santa Inquisição para heterossexuais; é um tratamento normal; vários teóricos declaram que a homossexualidade é um transtorno; a psicanálise a considera como uma perversão; a pessoa vai compreendendo porque ficou presa àquele tipo de comportamento e vai conseguindo sair; não há nada

de tão misterioso e original na minha prática; sou uma profissional comum.

Todas essas palavras e/ou expressões são afirmações negativas sobre o lugar que o homossexual/a homossexualidade ‘deve’ ocupar em termos de lugar social, porque ele e seu estilo de vida são doenças, porque não fazem uso de uma prática sexual saudável, como os heterossexuais, porque, segundo a psicanálise (a quem recorre como autoridade para comprovar/reforçar os sentidos que produz), a homossexualidade é uma perversão.

Tanto nessas denominações quanto naquelas do *O Globo*, a homossexualidade é comparada ao abuso sexual de crianças, e isso provoca, em termos de efeitos de sentido, um apelo social para que não se permita a aprovação da criminalização da homofobia, entre outros aspectos já citados ao longo do texto. Essas matérias trazem novamente os sentidos que se colaram ao homossexual no início da década de 1980 com a AIDS, porque as formações discursivas religiosa e médica estão produzindo aqui seus efeitos de sentido.

Se, ao serem classificadas como doenças, certas práticas sexuais responderam à demanda de uma moralidade social mais ampla, seu desaparecimento enquanto tal, mesmo tendo se dado em condição homóloga – de pressão por parte de movimentos sociais – não parece corresponder a uma modificação profunda daquelas condições de produção (na década de 1980) de sentido moralizante – agora caracterizadas por um suposto estado de tolerância sexual generalizada.

Parece-me que o que se diz sobre a homossexualidade (pelo menos no discurso que se oficializa nos meios de comunicação) não é muito diferente do que se dizia na década de 1980. Surgem

outras vozes de outros lugares, num aberto confronto de sentidos.

‘Comportamento de desvio’ é como a Igreja Católica adjetiva a prática homossexual, ratificando, assim, a ideia de que os homossexuais vivem em pecado, destoam do ideal católico-cristão, são doentes, imorais. Além disso, afirma ser esse comportamento uma ameaça à sociedade, no entanto não especifica a que sociedade está se referindo. Sabe-se, por deslizamento de sentido, que essa sociedade não considera o homossexual parte integrante dela, de forma a significar que a posição-sujeito ocupada pelo homossexual não corresponde a um lugar que faça sentido nessa região discursiva.

Aqueles dizeres sobre a homossexualidade partem de uma formação discursiva heterogênea: suas características são diversas, mas convergem para um sentido hegemônico: ou seja, são dizeres médicos, jurídicos e religiosos que desqualificam a homossexualidade, mantendo um ‘já-dito’ sobre essa orientação sexual e relacionando os homossexuais à AIDS durante esse período.

As SDs retomam numa espécie de ‘corrente linguística’ em que os conceitos e as verdades do século XIX dos médicos higienistas e os valores religiosos são a todo tempo rememorados, fazendo a manutenção desses sentidos (quando esse discurso afirma ser a doença uma espécie de punição por esse comportamento, que ofende a Deus). Isso quer dizer que a produção de certos imaginários está vinculada a uma determinada ‘Interpretação’ (em maiúscula para significar sentido específico numa formação discursiva dada). É como se sentidos determinados se colassem nas palavras em certas condições de produção sócio-histórica,

definindo o que deve ser dito daquele lugar e quem pode falar de certa posição-sujeito.

A Interpretação torna-se natural (e é da ordem do impossível que outra possa fazer sentido). Não há, como já disse, estranhamento ao se colar o valor (no caso, já estabilizado) de causalidade entre a homossexualidade e a doença: a (im)possível pergunta “Como é que isso não poderia ser apenas isso?” nunca se realiza nessas condições de produção.

O discurso jornalístico tem papel fundamental nessa construção de sentido entre o homossexual e a doença, pois, sob uma ilusória pretensão de neutralidade e veracidade, difunde, sobretudo, os discursos religiosos, os quais sustentam como própria do homossexual e de seu estilo de vida a responsabilidade por algumas práticas.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. Em DRLAV - Revue de Linguistique, 1982.
- CADERNOS PELA VIDA *Especial: 20 anos de AIDS*. São Paulo: Gplsp, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual essa nossa (des)conhecida*. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CORRÊA, Marilena Villela. *Sexo, Sexualidade e Diferença no Discurso Médico: Algumas reflexões in A Sexualidade nas Ciências Humanas*. LOYOLA, Maria Andréa (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.69-91.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A inocência e o vício – Estudos sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2004.

_____. *Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2008.

GADET, Françoise & HAK Tony (orgs). (1990). *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

GOLDENSON, Robert M. & ANDERON, Kenneth N. *Dicionário de sexo*. São Paulo: Ática, 1989.

GRANA, Roberto B. (org). *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Rio Grande do Sul: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

MARIANI, Bethania *O PCB e a imprensa – os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

_____. *Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30*. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Rio Grande do Sul: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

_____. *A institucionalização da língua, história e cidadania no Brasil do século XVIII: o papel das academias literárias e da política do Marquês de Pombal*. In: *História das Ideias Linguísticas – construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. ORLANDI, Eni P. (org.). Campinas: Pontes, 2001.

_____. (2005). *Para que(m) serve a psicanálise na imprensa?* Disponível em: http://www.geocities.com/gt_ad/bethania.doc

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. “Segmentar ou recortar”. In *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos 10. Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. Uberaba, 1984, p. 9-27.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, Editora Unicamp, 1988.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. (org). *Gestos de leitura – da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001a.

_____. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001b.

_____. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002a.

_____. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002b.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. *O discurso – Estrutura ou Acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2002.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvios e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RIOS, Roger Raupp. *A Homossexualidade no direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.

SERRANI, Silvana M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição em discursividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

SONTAG, Susan. 3 ed. *A doença como metáfora*. São Paulo: Graal, 1984.

_____. *A AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SPENCER, Colin (1999). *Homossexualidade: uma história*. 2ed. Rio de Janeiro: Record.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

ULLERSTAM, Dr. Lars. *As minorias eróticas*. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

O Globo de 12 de junho de 2009.

Folha de São Paulo de 14 de julho de 2009.

SEGUNDA PARTE :: DOENTE E PECADOR

Revista *Época*, ed. 339, de 15 de novembro de 2004.

Revista *Veja* n° 884, de 14 de agosto de 1985.

Revista *Istoé* n° 429, de 13 de março de 1985.